

## Alerta sobre o risco de não enxergar mais no trânsito

Categories : [Outras Vias](#)

Bertolt Brecht

São Paulo.

No Metrô, Estação da Sé, principal encontro de cotovelos da cidade. O orientador tenta organizar as pessoas nas grades de ferro chumbadas no chão. Empurra, freia, contém os grupos nos currais que dão acesso aos vagões. É a única forma de impedir que, na parada dos trens, no afã de entrar, as pessoas se esmaguem. A porta se abre, entra uma leva, o curral esvazia, a corda sobe, os cotovelos voltam a se encontrar no apertado espaço entre as grades. Um curral não para gado, mas para gente. Um curral naturalizado, cotidiano, aceito. Suor, desconforto, ansiedade para entrar logo, trocar o aperto incerto da estação pelo aperto-deslocamento dentro do trem, este pelo menos tão seguro e certo quanto o rumo dos trilhos. Todo dia é assim. Vez ou outra, alguma confusão faz o aperto virar briga, o risco iminente de o desespero e o medo se espalharem. Uma tragédia engatilhada, esperando o estopim. Todo dia.

No ônibus que saiu do Terminal Parque Dom Pedro II, no Centro de São Paulo, rumo à Itaquera, na Zona Leste, mais aperto. A senhora não tem onde sentar. Leva sacolas pesadas. A senhora não tem onde ficar de pé. Um cotovelo na costela, um pé no chão tentando garantir o equilíbrio nas curvas. O rapaz mais próximo finge que dorme, boné afundado na cara. Cansaço coletivo. Entra mais gente. Um garoto senta na tampa do motor, do lado do motorista. É quente, tem um adesivo indicando o risco de se sentar ali. Não tem mais lugar no ônibus, o motorista deixa. Entra mais gente. A senhora se aperta mais. Encolhe o peito murcho. Respira agoniada. A senhora não cabe mais.

Na Avenida Rebouças, motoristas sentados no vazio da imensidão de carros cada vez maiores contrastam com trabalhadores-sardinhas enlatados nos ônibus. Todos democraticamente parados no trânsito. Nos carros, na maioria, só uma pessoa, um cidadão sozinho, cansado, sem contato com ninguém. Um celular, quem sabe. Uma acelerada. O ritmo que enjoa, acelera, para. Luz vermelha, luz branca. Fumaça. Buzina. Dentro dos coletivos, falta espaço para respirar. Chove e é ainda pior. Cheiro azedo. Acelera, para. Fumaça. Buzina.

No canto da avenida, o ciclista. O radialista boçal vocifera contra o absurdo de se andar de bicicleta em São Paulo. De se sonhar com outra cidade. O motorista está cansado. Ouve sem atenção. Boceja. Vê a bicicleta. Ou nem vê. Continua acelerando, desatento, apressado, estressado. Imprudente. Xinga alguém. Odeia um motoqueiro. Acelera. Toma uma fechada. Corta a frente de outra pessoa. Passa tirando fina do ciclista. E solta um palavrão. Cansado, chega em casa, toma uma bebida forte e vai dormir. Para repetir isso tudo no dia seguinte.

## Medo

*"O medo cega, disse a rapariga dos óculos escuros, São palavras certas, já éramos cegos no momento em que cegámos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos (...) Então perguntou o velho da venda preta, Quantos cegos serão precisos para fazer uma cegueira. Ninguém lhe soube responder".*

José Saramago

As impressões acima são reais. Aconteceram e continuam acontecendo em São Paulo, a cidade supostamente mais rica do país. Rica se for para considerar o dinheiro que por aqui circula. Mas pobre se for para levar em conta a percepção dos seus cidadãos. A falta de. A ideia de reunir todas as impressões acentuando os absurdos rotineiros que se tornam invisíveis veio a partir de palavras do Mia Couto, o melhor escritor vivo de língua portuguesa do planeta. Culpa dele, que decidiu lançar um alerta sobre como a "banalização da injustiça" pode deixar "invisível a miséria material e moral", durante aula inaugural na Escola de Comunicação e Artes, da Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, Moçambique.

A aula "Da cegueira colectiva à aprendizagem da insensibilidade", na qual ele cita o poema acima de Brecht e faz referência ao Ensaio Sobre a Cegueira, de Saramago, de onde foi extraído o outro trecho compartilhado aqui, foi parcialmente reproduzida na última edição do jornal Brasil de Fato. Valendo a explicação de que chapa é o coletivo apinhado de gente que circula por Maputo, seguem alguns trechos do texto publicado pelo jornal e mais outros escolhidos para os leitores do Outras Vias. O original foi [publicado na íntegra neste link](#):

*"Todos os dias centenas de chapas de caixa aberta transitam por esta cidade que parece afastar-se do seu próprio lema "Maputo, cidade bela, próspera, limpa, segura e solidária". Cada um destes "chapas" circula superlotado com dezenas de pessoas que se entrelaçam apinhadas num equilíbrio inseguro e frágil. Aquilo parece um meio de transporte. Mas não é. É um crime ambulante. É um atentado contra a dignidade, uma bomba relógio contra a vida humana. Em nenhum lado do mundo essa forma de transporte é aceitável. Quem se transporta assim são animais. Não são pessoas. Quem se transporta assim é gado. Para muitos de nós esse atentado contra o respeito e a dignidade passou a ser vulgar. Achamos que é um erro. Mas aceitamos que se trata de um mal necessário dada a falta de alternativas. De tanto convivermos com o intolerável, existe um risco: aos poucos aquilo que era errado acaba por ser "normal". O que era uma resignação temporária passou a ser uma aceitação definitiva. Não tarda que digamos: "nós somos assim, esta é a maneira moçambicana." Desse modo nos aceitamos pequenos, incapazes e pouco dignos de ser respeitados.*

O caso dos chapas é apenas um exemplo, uma ilustração de um processo que eu chamaria de "construção do inevitável". E é simples: aos poucos, os passageiros do "chapa" deixam de ser visíveis. Na nossa sociedade essas pessoas já contavam pouco. É gente pobre, gente sem rosto, gente que não aparece na TV nem no jornal. Essa gente surgirá no jornal quando o "chapa" se acidentar. Mas aparecerá sem voz e sem nome. Um simples número para se contabilizar feridos e

*mortos. Em contrapartida, outras coisas ganharam brilho na nossa sociedade. Por exemplo, adquiriram toda a visibilidade os carros de luxo de uma pequena minoria. Deixamos de ver os "chapas" mortais, mas estamos atentos aos sinais de ostentação dessa minoria.*

*O assunto que quero abordar convosco hoje é esta operação que banaliza a injustiça e torna invisível a miséria material e moral. Esta vulgarização faz perpetuar a pobreza e faz paralisar a história. Saímos todos os dias para a rua para produzir riqueza mas regressamos mais pobres, mais exaustos, sem brilho, nem esperança. De tanto sermos banalizados pelos outros, acabamos banalizando a nossa própria vida.*

*Estamos perante uma espécie de formatação mental e moral. A mensagem é a seguinte: querem dizer-nos as nossas doenças sociais são incuráveis. Resta-nos viver de remendos e expedientes.*

*Visitou-me um escritor amigo da Nigéria. Ele percorreu as cidades de Moçambique e ligou-me de Pemba. A primeira coisa que ele disse: Estou maravilhado! Vocês têm estações de gasolina a funcionar! O seu espanto espantou-me a mim. Principalmente porque esse assombro provinha de um cidadão da Nigéria, o maior produtor de petróleo de África. Só depois entendi. O que passa na Nigéria – depois de 50 anos de exportação de petróleo - é que as cidades nigerianas não possuem aquilo que para nós é comum: estações de gasolina vendendo gasolina. As bombas de combustível naquele país estão quase todas fechadas e a gasolina é vendida em garrafas e jerricans nos passeios públicos. Para alguns esse é um processo natural em África. Mas não é. O que sucedeu foi o seguinte: o governo subsidiou os preços dos combustíveis mas não foram os mais desfavorecidos que lucraram mais. Foi uma parte da elite nigeriana que se apoderou dos circuitos formais e desviou para os mecanismos informais a distribuição e venda do combustível. Uma vez mais, os ricos tornaram-se ainda mais ricos. Mas não é a questão política que eu quero trazer aqui. A questão é que, para o cidadão da Nigéria, aquele sistema de venda, à maneira do dumba-nengue, se tornou normal. Ver bombas de gasolina a funcionar numa nação bem mais pobre como é Moçambique foi, para ele, um motivo de surpresa. Eu vejo muito africanos proclamarem que os mercados informais são a única maneira que África sabe fazer comércio. Que apenas nas barracas sabemos comer e beber. É mentira. A dumba-nenguização da economia é uma estratégia escolhida para fugir dos impostos, para escapar das obrigações para com o património público. Quando o meu amigo nigeriano voltou a Maputo ele disse-me o seguinte:*

*- A minha surpresa não foi tanto o que eu vi em Moçambique. Foi sim o que já não sabia ver na Nigéria.*

*(...)*

*Mas o nosso futuro como nação não se constrói senão com ousadia, com vitalidade e um infinito respeito pelos outros.*

*Ficamos muitas vezes à espera, ficamos à espera que o governo faça. Temos medo de tomar*

*iniciativa. Achamos arriscado. Não agimos porque dizemos que faltam recursos, falta orçamento, falta autorização do chefe. Mas existem lições que parecendo pequenas podem tocar alguém para toda a vida.*

Fazemos o que fazemos não porque sejam grandiosas iniciativas mas porque necessitamos mudar as coisas e melhorar o mundo. Fazemos o que fazemos porque, como diz o poema, nós queremos ser donos do nosso destino e capitães da nossa alma colectiva."

Do Mia Couto, [vale ouvir também suas palavras sobre o medo](#) com o qual igualmente nos acostumamos. E ler todas as suas obras.